HERÓIS DA TINTA PRETA – UM RETRATO DA LUTA AFRO-BRASILEIRA NO BRASIL

Rafaela Aparecida Moretão|a[1]

SEDUC – Secretaria de Educação do Ensino de São Paulo

A abolição da escravatura no Brasil não foi dada por ninguém e nem tampouco pelas mãos da princesa Isabel. Foi através de muita luta, sofrimento, resistência, sabedoria e união que, de modo formal, o fim da escravidão foi concretizado em 1888. Assim, se faz necessário um ensino de arte e cultura decolonial para que se formule uma sociedade mais justa, crítica e igualitária, que reconheça personalidades que foram como heróis para os mais de quatro milhões de africanos traficados para o Brasil e seus descendentes, honrando toda uma etnia em suas diferentes culturas.

Em consonância com a Lei 10.639/03 que obriga o Ensino da história e da cultura afro-brasileira nas redes de ensino, esse trabalho foi realizado em uma escola estadual do estado de São Paulo, na cidade de Avaré, com estudantes do oitavo ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental, com duração de cinco aulas e tendo como culminância a elaboração de um painel.

Tendo como objetivo oportunizar de maneira lúdica o reconhecimento de personalidades importantes na luta contra a escravidão e instigar o fazer artístico e a criatividade de acordo com características das HQ's (Histórias em Quadrinhos), esse projeto buscou desenvolver a leitura crítica da história brasileira sob uma perspectiva decolonial e ampliar o repertório visual dos estudantes, estimulando processos de criação artística incluindo identidade, memória e representatividade.

A proposta fundamentou-se nos pressupostos da Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, compreendendo o ensino de Arte como articulação entre contextualização histórica, leitura de imagens e produção artística. Nesse sentido, o estudo das personalidades negras, aliado à criação de representações inspiradas na linguagem das histórias em quadrinhos, possibilitou aos estudantes construir conhecimentos históricos e estéticos de maneira crítica e criativa.

Professora na rede estadual de ensino do Estado de São Paulo, ponto focal da ERER (Educação para Relações Étnicas Raciais), pós graduada em História e Cultura Afrobrasileira e Indígena e em Educação 5.0 – Ensino Híbrido e Metodologias Ativas. Artista Visual, realizando trabalhos em pintura em parede. [rafaelamoretao@professor.educacao.sp.gov.br] [http://lattes.cnpq.br/8710400126422063]

O projeto foi desenvolvido ao longo de cinco aulas, organizadas em etapas: (1) levantamento dos conhecimentos prévios e contextualização histórica sobre a escravidão e a resistência negra; (2) pesquisa e estudo das biografias das personalidades selecionadas; (3) discussão coletiva acerca da representação de heróis nas histórias em quadrinhos e sua relação com a valorização da população negra; (4) elaboração das produções artísticas utilizando da técnica do desenho, tendo como suporte a cartolina, e como material lápis de cor e canetinhas; e (5) montagem do painel expositivo e socialização dos resultados junto à comunidade escolar.

Dessa forma, nomes como Luiz Gama, Luiza Mahin, José do Patrocínio, André Rebouças, Cosme Bento, Francisco José do Nascimento, Quintino de Lacerda, Aqualtune e Tereza de Benguela, foram estudados e tiveram suas lutas reconhecidas e seus feitos admirados pelos estudantes, como por exemplo, os conhecimentos políticos, organizacionais e de guerra de Aqualtune que ajudaram na estruturação da República de Palmares; a fidelidade e honra de André Rebouças ao auxiliar à criação da Sociedade Brasileira Contra a Escravidão, mesmo sendo um homem preto livre, que teve oportunidades e estudou, chegando a se tornar 2° tenente no Rio de Janeiro, pertencendo a classe média, mas que nunca deixou de lutar pelos negros que estavam sofrendo.

Portanto, essa ação possibilitou trabalhar a escravidão e o processo de abolição de forma não estereotipada, entendendo que a população africana foi escravizada, mas nunca foram escravos, não se submeteram de forma passiva e inferiorizada, assim, os colocando como protagonistas dotados de técnicas, saberes, consciência e muita força, o que muda o olhar dos estudantes para com a história.

E a partir disso, também foi possível levantar considerações sobre os reflexos do tráfico de africanos e sua escravização até os dias de hoje, visualizando o racismo estrutural na qual a sociedade brasileira foi construída e, a necessidade urgente de debatermos isso com nossos estudantes para garantir uma mudança real e efetiva, reconhecendo nossa história e buscando um país mais equalitário.

Ao propor a ressignificação dessas personalidades como heróis e heroínas, o fazer artístico deixou de assumir caráter meramente ilustrativo, tornando-se uma estratégia de construção de conhecimento, reflexão histórica e produção de novas narrativas visuais sobre a população negra. Dessa forma, a prática aproxima-se de perspectivas contemporâneas da

Professora na rede estadual de ensino do Estado de São Paulo, ponto focal da ERER (Educação para Relações Étnicas Raciais), pós graduada em História e Cultura Afrobrasileira e Indígena e em Educação 5.0 – Ensino Híbrido e Metodologias Ativas. Artista Visual, realizando trabalhos em pintura em parede. [rafaelamoretao@professor.educacao.sp.gov.br] [http://lattes.cnpq.br/8710400126422063]

Arte/Educação que compreendem a criação artística como experiência crítica, cultural e emancipatória.

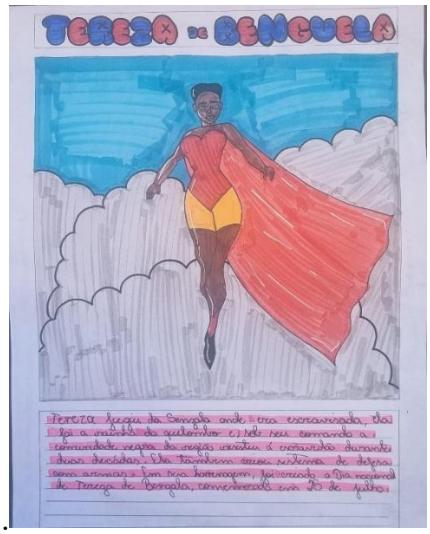


Figura 1– *Trabalho realizado por um estudante 2026*
Fonte: *Rafaela Aparecida Moretão*

No momento do fazer artístico alguns estudantes demonstraram mais autonomia e conseguiram realizar desenhos muito criativos, outros apresentaram dificuldade inicial, mas com apoio individualizado também conseguiram atingir o objetivo proposto. A técnica utilizada foi lápis de cor e canetinha sobre cartolina e, além do desenho enfatizaram por meio de texto escrito os feitos pela personalidade.

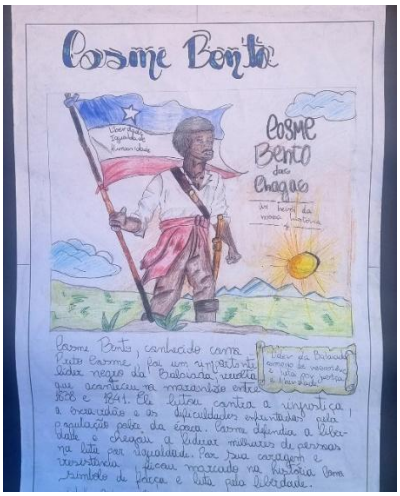


Figura 2 – *Trabalho realizado por um estudante 2026*
Fonte: *Rafaela Aparecida Moretão*

Professora na rede estadual de ensino do Estado de São Paulo, ponto focal da ERER (Educação para Relações Étnicas Raciais), pós graduada em História e Cultura Afrobrasileira e Indígena e em Educação 5.0 – Ensino Híbrido e Metodologias Ativas. Artista Visual, realizando trabalhos em pintura em parede. [rafaelamoretao@professor.educacao.sp.gov.br] [http://lattes.cnpq.br/8710400126422063]

Por fim, os estudantes auxiliaram na montagem do painel para exposição dos trabalhos desenvolvidos, para que todos da comunidade escolar pudesse apreciar e conhecer a história do povo negro escravizado por meio das personalidades representadas, buscando despertar o interesse e o reconhecimento, valorizando o povo negro e sua história no Brasil.



Figura 3 *– Painel Projeto Heróis da Tinta Preta 2026*
Fonte*: Rafaela Aparecida Moretão*

Assim, concluímos o projeto atingindo os objetivos propostos, como o reconhecimento de personalidades importantes para a abolição da escravatura e a representação destes como heróis e heroínas, instigando o pensamento crítico e o fazer artístico.

Referências Bibliográficas:

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. *Diário Oficial da União*: Brasília, DF, 10 jan. 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 71. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis: Vozes, 2017.

Professora na rede estadual de ensino do Estado de São Paulo, ponto focal da ERER (Educação para Relações Étnicas Raciais), pós graduada em História e Cultura Afrobrasileira e Indígena e em Educação 5.0 – Ensino Híbrido e Metodologias Ativas. Artista Visual, realizando trabalhos em pintura em parede. [rafaelamoretao@professor.educacao.sp.gov.br] [http://lattes.cnpq.br/8710400126422063]